

A literatura de viagem como gênero literário e como fonte de pesquisa

ELISA FREITAS SCHEMES*

Os historiadores discutem os relatos de viagem como “fonte documental”, o esforço neste artigo é, além dessa perspectiva dos historiadores, uma aproximação com a teoria/crítica literária para compreendê-los como “literatura de viagem”. Fazer convergir os dois debates enriquece as abordagens metodológicas quando se busca uma interpretação desses textos.

Os trabalhos dos historiadores, cientistas sociais, antropólogos conduzem à reflexão de que as viagens e seus relatos são marcados por uma experiência de alteridade, pelo encontro com o “outro”, pela construção de um olhar sobre o “outro”. Além disso, os conceitos de etnocentrismo e identidade são úteis para pensar em como no contato com o “outro” e no julgamento da cultura alheia o viajante constrói a “si mesmo”, pois a identidade é uma categoria relacional. Como bem observou Roberto Da Matta (1983:27), “cada sociedade humana conhecida é um espelho onde nossa própria existência se reflete”. Assim, quando se estudam relatos de viagens, é necessário atentar para o “universo cultural” do viajante, pois as suas observações podem apontar “mais para o âmbito cultural do próprio viajante do que para o lugar visitado, ainda que [fale] também deste” (JUNQUEIRA, 2011:45).

A viagem

Em primeiro lugar, considera-se que não é possível dissociar o relato e a viagem em si, pois a viagem, entre outros fatores, fornece as condições de produção, ainda que a viagem e o relato tenham sido realizados por pessoas diferentes. Portanto, é necessário apreender as motivações em jogo na realização da viagem, qual sua finalidade. Em diferentes momentos históricos as sociedades planejaram e empreenderam viagens com objetivos, formas de organização e financiamento distintos. Portanto, é necessário situar cada viagem ou conjunto de viagens em sua relação direta com o contexto histórico em que estão inseridas. A partir do século XV, os Estados Nacionais financiaram grandes viagens marítimas, enviando exploradores, comerciantes e, em menor grau, religiosos, a regiões desconhecidas pelos europeus. Essas expedições, que visavam ao lucro, tinham como alvo descobrir novos territórios e encontrar riquezas, especialmente ouro. Já as viagens internacionais de

* Este artigo é um desdobramento da dissertação de mestrado da autora e de reflexões posteriores: SCHEMES, Elisa Freitas. **Oswaldo Cabral na “Terra da liberdade”**: relato de uma viagem na vigência da política de boa vizinhança. 2013. 134 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2013.

circunavegação realizadas na segunda metade do século XVIII e primeira metade do século XIX, embora não possam ser tomadas como um conjunto homogêneo, tinham como objetivo principal a busca do conhecimento científico. Nações como a França, Grã-Bretanha e Império Russo financiaram viagens que, além de uma descrição física do mundo e conhecimento de seus habitantes, tinham em vista “relacionar as possibilidades econômicas dos continentes, sobretudo do africano” (ROSSATO, 2007:33,34,37). No contexto da Segunda Guerra Mundial e da Política de Boa Vizinhança, estudamos a oferta de bolsas de estudo, por parte do governo estadunidense, para “latino-americanos” viajarem aos Estados Unidos. Tais viagens estavam inseridas no plano de intercâmbio promovido pelo *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA) e outras agências públicas e privadas daquele país, cuja finalidade era estreitar os laços entre os Estados Unidos e os países “latino-americanos” na conjuntura da guerra. Investigamos a viagem do catarinense Oswaldo Cabral àquele país em 1943, porém a quantidade de estadunidenses que vinham ao Brasil era superior à de brasileiros que visitavam os Estados Unidos. Ademais, sobre esse exercício de intercâmbio, Gerson Moura (1991:49-50) ponderou o que parece explícito no pedido de bolsa do cônsul Reginald Kazanjian para a viagem do catarinense:

Os especialistas americanos vinham à América Latina ensinar suas técnicas e exibir suas realizações, enquanto os brasileiros (e os latino-americanos em geral) eram levados aos Estados Unidos para ‘ter uma impressão favorável dos Estados Unidos e retornarem aos seus países com um sentimento de amizade, de boa vontade para com os Estados Unidos’. Em poucas palavras, os brasileiros iam aos Estados Unidos para aprender; os americanos vinham ao Brasil para ensinar.

Na viagem que estudada, portanto, Oswaldo Cabral e os visitantes que conheceu nos Estados Unidos, estavam na condição de “viajantes e hóspedes oficiais” (CABRAL, 1944:38). A maneira como a viagem transcorreu pode ser depreendida na leitura do relato e, se possível, em outras fontes. Para a definição do itinerário, aparentemente, os convidados tinham certa liberdade para escolher os lugares a serem visitados, recebendo o auxílio (e possível anuência) da Divisão Cultural no Departamento de Estado dos Estados Unidos. Pelo que fica subentendido, a chegada a cada novo local do itinerário, ou ao menos com alguma frequência, os hóspedes do Departamento de Estado entravam em contato com autoridades locais (como o Consulado) ou pessoas designadas a serviço daquele. Logo, na condição de hóspedes oficiais, cuja estada era financiada pelo anfitrião, sua liberdade de movimentação dentro do território era de certa maneira supervisionada.

Nesse primeiro aspecto, da investigação da viagem e seus meandros, os historiadores estão bastante familiarizados com a pesquisa documental e com o cruzamento de fontes em jornais, documentos de arquivo ou pessoais, por exemplo.

Trajatória de vida do viajante

Em segundo lugar, busca-se compreender a trajetória de vida do viajante e seu conhecimento prévio do lugar de destino. “Devemos nos perguntar quem é o escritor do relato ou quem ‘ele quer ser’” (JUNQUEIRA, 2011:45). Procurando não se deixar seduzir pela ilusão biográfica, a primeira questão é no sentido de buscar localizar em que momento da sua trajetória a viagem transcorreu. Ribeiro (2010:225) traz uma importante contribuição ao pontuar a relação entre o relato da viagem e a biografia e autobiografia:

Os relatos de viagens são subgêneros da biografia e da autobiografia. Tanto uma como a outra contemplam a narrativa de uma vida toda, com início, meio e fim. O relato de viagem torna-se apenas uma ínfima parte de um todo, uma espécie de metonímia da vida. Tal fato colabora para que essas obras continuem a ocupar um espaço refutado pelo leitor e pela história da literatura. Se o relato de viagem não considera toda uma biografia, ele reproduz, no entanto, uma parte importante da vida (grifo nosso).

Analisando a sua trajetória, busca-se elucidar quais são seus vínculos (institucionais ou não), por que meios transita, como esses fatores teriam colaborado para a realização da viagem e como essa experiência pode ter impactado a sua trajetória? As relações que estabeleceu no intercâmbio perduram após o retorno? O viajante realizou alguma intervenção no local visitado: palestra, entrevista, apresentação? Além disso, que conhecimentos possuía sobre o lugares a serem visitados? Sobre os “nativos”? Esses aspectos impactam a sua experiência de alteridade, tanto na confirmação dos estereótipos, quanto no estranhamento frente ao inesperado. Em que medida suas observações são próprias ou constituem uma extensão do que já sabia por meio de relatos previamente conhecidos? Na viagem estudada, por conta da Política de Boa Vizinhança, Cabral tinha contato com a literatura e cinema estadunidenses e esse conhecimento prévio é revelado em seu relato, como será abordado adiante, na forma de intertextos.

Relato de viagem x literatura de viagem

Em terceiro lugar, lança-se um olhar investigativo sobre o relato da viagem. Nos estudos acadêmicos sobre viagens, nota-se que grande parte dos trabalhos aborda as viagens e

os relatos empreendidos por estrangeiros ao Brasil, entre os séculos XVI e XIX (LEITE, 1984, LEITE, 1996, ROSSATO, 2007). Mais recentemente, os historiadores têm-se voltado para as viagens de brasileiros ao exterior (FRANCO, 2008), como foi o caso estudado.

Nesse tópico, ressalta-se que os historiadores avançaram no entendimento do relato de viagem como fonte documental, problematizando-o, cruzando com outras fontes para pensar um contexto histórico, questionando e interpretando a veracidade/fidedignidade.

Sobre a atitude dos estudiosos frente aos relatos de viagem, Luciana Rossato (2007:15) observa que:

Os relatos dos viajantes estrangeiros foram e ainda são muito utilizados como fontes nos estudos de várias áreas, como a História, a Sociologia e a Antropologia. Até a década de 1970, essa documentação foi usada sem maiores análises críticas, sem a preocupação de contextualizar a fala desses viajantes e o local de produção desses discursos. Ilka Boaventura Leite percebeu que os viajantes são citados por determinados autores, como Gilberto Freyre para ‘ênfaticamente o caráter democrático das relações sociais da sociedade brasileira’, enquanto outros os utilizam para dizer justamente o contrário, ou seja, que as relações raciais no Brasil são marcadas por forte racismo. Entre esses últimos podemos citar Roger Bastide, Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni.

Dentre diversos trabalhos sobre os relatos de viagem, abordaremos um artigo da historiadora Mary A. Junqueira (2011) intitulado **Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador**. A autora sistematizou abordagens metodológicas no emprego de relatos de viagem como fontes históricas, apontando suas especificidades e heterogeneidade.

Mary Junqueira se aproxima de duas coletâneas organizadas por críticos literários ingleses: A primeira delas é a organizada por Tim Youngs e Peter Hulme, **The Cambridge companion to travel writing**, publicada em 2002, e a segunda, organizada por um dos autores da primeira, Tim Youngs, e Glenn Hopper, **Perspectives on travel writing**, publicada em 2004.

A partir desses estudos, afirma: “relatos de viagem [são] um *corpus* documental ainda pouco definido” (2011:44). Entre as características desse *corpus* documental, descritos por esse grupo de críticos literários e por Junqueira, destacamos:

Que “todo relato pressupõe um **leitor**”, mesmo que seja um diário para acessar posteriormente suas próprias recordações (JUNQUEIRA, 2011:48).

É preciso levar em conta o **tempo**: igualmente relevante é considerar quando o relato foi escrito: durante a viagem, logo após, muito tempo depois? Ou, como no caso de Cabral, a partir de seu diário de viagem produziu um livro revisado e publicado no ano seguinte à viagem. O ato de revisar o relato põe em trabalho a memória, ressignificando as impressões. Não só as memórias no diário foram revistas, como a sua ideia inicial de divisão de capítulos, conforme nota de jornal¹. Esse dado é importante para compreender que “o relato de viagem nem sempre trata daquilo que o viajante viu, na hora em que viu e como as coisas se deram” (JUNQUEIRA, 2011:49).

Ao analisarem relatos de viagem, os pesquisadores (JUNQUEIRA, 2011:49-50) observaram a **viagem e/ou relato como inspiração para outras jornadas** e também a presença dos “**intertextos**”:

(...) uma viagem – particularmente o relato de viagem – funciona como inspiração para outras jornadas desde tempos remotos. (...) Alguns relatos de viagem são, dessa maneira, textos muito influentes e, por conseguinte, mobilizadores (...) Essas viagens – novamente, reais ou imaginárias – providenciaram um corpo de referência ou ‘intertextos’ para escritos modernos.

O intertexto parece desempenhar um duplo aspecto: primeiro, quando outros textos são fonte de ideias/informação para narrador e aparecem como uma referência em seu relato. Oswaldo Cabral era um leitor tanto de relatos de viajantes estrangeiros ao Brasil como Duperrey e Saint Hilaire, como de escritores de ficção de aventuras como Júlio Verne. No percurso por Ogen, estado de Utah, Cabral (1944:150-152) evoca Verne:

Nós já conhecíamos a região, apenas os nossos olhos a contemplavam pela primeira vez. Buscávamos descobrir aqui um acidente, ali um detalhe já conhecido e que pudéssemos identificar. Júlio Verne nos levara – bom tempo aquele! – pela mão, em deliciosos raides, por tôdas estas regiões, mostrara-nos Phleas Fogg sentado calmamente num vagão, tal como nós, contemplando o que agora se abria à nossa frente, enquanto Jean Passepartout assistia às pregações de um velho mormon sobre o massacre de Joseph Smith, o fundador da seita e sôbre as perseguições que ele vinha sofrendo.

Enquanto íamos recordando os dias de uma longínqua infância, com as Viagens Maravilhosas nas mãos – íamos percorrendo as ruas de Ogden. (...) Quando o trem partiu, ficámos a espera do espetáculo que determinara o nosso itinerário por estas regiões: a travessia do Grande Lago Salgado (...) ².

¹ A GAZETA, “O Dr. Oswaldo Cabral nos Estados Unidos” (notícia enviada de Washington). Florianópolis, 2 de julho de 1943. Acervo de Oswaldo Cabral.

² As passagens descritas encontram-se entre os capítulos XXVI e XXVIII de: VERNE, Júlio. **A volta ao mundo em 80 dias**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

Não apenas a literatura povoa o seu repertório, mas também o cinema de faroeste e os desenhos da Disney são referenciados em sua passagem pelo Arizona (CABRAL, 1944:220-222).

Além das referências à literatura e cinema cabe verificar se o relato dialoga com as demais obras do viajante (seja ele escritor, cientista, artista etc.) e com assuntos/temas de seu contexto histórico/social/cultural. Em que medida o que o viajante relata descreve o país visitado e, mais, descreve o seu próprio país? E mais, certamente o viajante não está pensando essas questões sozinho. Desta maneira, destaca-se o emprego da intertextualidade, recurso que pode ser encontrado em sentido amplo ou em sentido restrito. No sentido amplo, “o diálogo entre textos está não necessariamente no plano material, de signos linguísticos, mas no plano do enunciado, da idéia (intenção)”. Nesse caso, o sentido é construído pelo leitor no regaste pela memória, a ideias ou discursos com os quais já teve contato. Enquanto no sentido restrito, o texto se relaciona (explícita ou implicitamente) com outros textos anteriores. Neste, “o leitor deve reconhecer [no texto lido] marcas de um outro com o qual dialoga, isto é, imprescinde-se a presença de um ‘intertexto’” ou imagem. “A intertextualidade, (...) configura-se como recurso eficaz na construção do sentido de um texto, conferindo-lhe coerência e muitas vezes credibilidade” (FRANCO, 2011:43-63). No caso do relato de viagem, destacamos um segundo aspecto do intertexto: permite ao narrador criar familiaridades e aproximar o leitor do país desconhecido.

Por fim, para problematizar a “**veracidade ou fidedignidade**” do relato: Junqueira comenta o famoso relato da viagem de Marco Polo à China, na segunda metade do século XIII: quando retornou a Veneza, “o texto sobre a viagem foi elaborado por um conhecido escritor da época, Rustichello de Pisa” e não por Marco Polo (JUNQUEIRA, 2011:51). Ou seja, nesse e em outros casos citados pela historiadora, o relato não necessariamente foi escrito pelo viajante. Em casos como esse, lidamos com outras noções de autoria e importa apreender a verdade que ele intencionou construir e não a sua veracidade (JUNQUEIRA, 2011:53). Nesse sentido, questiona-se a ideia de fidedignidade ou veracidade dos relatos, percebendo que eles são resultado da construção de um olhar e, portanto, é imprescindível localizá-los na perspectiva de seu contexto.

Não é difícil para o historiador, em seu ofício de problematizar e interpretar fontes, lidar com os pontos acima. No entanto, Junqueira abre um diálogo muito interessante quando discute os relatos como um “**gênero híbrido**”. Mary Junqueira aborda especificamente as

considerações do crítico literário Jam Borm, que examina se o relato de viagem é um “gênero literário”. Para Junqueira (2011:45-46), trata-se de “um corpus documental consideravelmente diversificado, sendo improvável encontrar homogeneidade entre essas fontes”, pois cada viagem e cada relato são únicos. Para Borm (apud JUNQUEIRA, 2011:55):

(...) é um problema definir o relato de viagem como objeto porque este é um “gênero composto por outros gêneros literários”. Borm sustenta que trata-se de uma espécie de gênero híbrido, já que se nutre de outros tipos de discursos. O crítico cita, entre os gêneros comumente encontrados nos relatos de viagem, a ficção (romances, novelas, contos, poemas etc.), a autobiografia (ou escrita de si), os discursos científicos, textos memorialísticos etc.

Desse caráter híbrido, podem-se encontrar, por exemplo, tanto relatos oficiais e científicos permeados pela “escrita de si”, quanto diários (uma forma de “escrita de si”) firmados em discurso científico. Além disso, relatos de viagem podem conter “elementos ficcionais”, como o clássico *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe. Entretanto, “embora as fronteiras entre ficção e realidade sejam tênues, ninguém lê Moby Dick da mesma forma com que lê o relato de viagem de Charles Darwin” (JUNQUEIRA, 2011:56-57). Importa “compreender os recursos que o viajante utiliza (...) para narrar a sua experiência” (JUNQUEIRA, 2011:61). Ribeiro (2010:223) sintetiza o debate quando formula que “a narrativa híbrida, [é] característica de todo relato de viagem”.

Por um lado, para Junqueira, “não é tarefa do historiador discutir se o relato de viagem é um gênero literário” (2010:61). Por outro lado, há um debate no campo da Teoria Literária justamente refletindo sobre essa questão. Roberto C. Ribeiro (2010:224) problematiza a ambiguidade no entendimento da literatura de viagem: pelos críticos literários há a noção de que se trata de discurso histórico e não de discurso literário.

Ribeiro (2010:224) observa que “a viagem de Graciliano Ramos pela Rússia, por exemplo, não é citada em nenhuma história da literatura. Quando isso ocorre, os relatos são separados do conjunto da obra dos escritores”. E ainda, que “é natural deparar-se com opiniões de que tal categoria não é alçada ao posto de literatura, pois se trata de descrição de paisagens e costumes devidamente registrados pela realidade, sem a necessária literalidade” e assim, é “encaminhada para a área de história e não de literatura”.

Desse debate inicial, presume-se que o relato de viagem estaria situado em algum lugar entre a História e a Literatura.

Uma pergunta instigante é em relação ao gênero do texto: seria um diário de viagem, um relato de viagem ou, ainda, literatura de viagem? A lista poderia se estender para: é autobiografia, testemunho, documento? Essas questões são tão complexas quanto a própria definição do que é Literatura. Sem a pretensão de uma resposta definitiva, tateando entre a Teoria Literária e a Historiografia, chegou-se aos seguintes apontamentos.

Primeiro, não é possível identificar um conjunto suficiente de elementos que reunidos em texto se denomine “literatura”. Ou, nas palavras de Eagleton: “a literatura, no sentido de uma coleção de obras de valor real e inalterável, distinguida por certas propriedades comuns, não existe” (EAGLETON, 2006:16). Assim, o atributo de literatura não estaria na origem do texto, ou em elementos intrínsecos, mas na relação que as pessoas estabelecem com os textos (EAGLETON, 2006:13):

O que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram. Se elas decidirem que se trata de literatura, então, ao que parece, o texto será literatura, a despeito do que o seu autor tenha pensado.

Nesse sentido, podemos pensar na literatura menos como uma qualidade inerente, ou como um conjunto de qualidades evidenciadas por certos tipos de escritos que vão desde Beowulf até Virginia Woolf, do que como várias maneiras pelas quais as pessoas se relacionam com a escrita. Não seria fácil isolar, entre tudo o que se chamou de “literatura”, um conjunto consoante de características inerentes (grifos do autor).

Portanto, Eagleton (2006:19) considera que “classificar algo como literatura é extremamente instável” e essa definição é histórica, varia de acordo com cada sociedade. Segundo, ainda no campo da Teoria Literária, Roberto C. Ribeiro elucida que a “literatura de viagem” no Brasil se deu como uma construção. A partir de obras que considerou como parte da historiografia literária brasileira, escritas por Alfredo Bosi, José Guilherme Merquior e Erico Verissimo, Ribeiro (2007:145) expõe:

O relato de viagem na historiografia literária brasileira aponta para duas questões: a primeira é que ele pode ser considerado a origem, o ponto de partida da formação de uma literatura brasileira; a segunda, e paradoxalmente, é que ele é analisado somente como uma fase inicial necessária mais como informação, desaparecendo no decorrer do estudo de tais historiografias, revelando, por parte dos pesquisadores, a inclusão de tal literatura na lista dos “gêneros menores” (grifos nossos).

Sem adentrar nos pormenores, Ribeiro (2007:156) traça o que seria o percurso da literatura de viagem no Brasil:

(...) passaria de uma mera crônica de informação no século 16 para um relato científico três séculos depois, espraiando-se para uma forma de conhecimento cultural das raízes do próprio País, já no início do século 20, terminando por desaguar em um relato-reportagem com ares de literatura na metade do mesmo século.

Ribeiro (2007:156, 158) considera que possivelmente o reconhecimento do atributo literário dos relatos de viagem tenha iniciado com Erico Verissimo, a partir de sua experiência como um escritor que transformou relatos de viagens em livro:

Com o escritor gaúcho, o relato de viagem ganharia, para além da sua feição de reportagem, um toque literário e estético, elevando assim o gênero a um patamar mais nobre. (...) mesmo porque o autor de O tempo e o vento consagrou parte de suas criações para narrar as suas viagens aos Estados Unidos (dois volumes), México e Israel, Grécia e Portugal, demonstrando que não foi à toa que ele viu, nos relatos dos viajantes quinhentistas, a riqueza de se fazer e narrar tais percursos de viagens, em que o confronto com outras culturas pode revelar a beleza da paisagem e do humano.

A partir dessa compreensão das relações entre os textos e as pessoas (o público), tornou-se possível avançar no entendimento do relato de Oswaldo Cabral como literatura de viagem, e seguir a sugestão de Antonio Candido a fim de tentar apreender a complexa relação entre autor, obra e público (2002:22).

Elementos da conjuntura – questões políticas, econômicas, sociais e culturais – perpassam as condições de produção desse livro e, indissociavelmente, integram sua “forma” e “conteúdo”. Com isso, não se quer reduzir a obra ao seu contexto, tratar textos literários como meros reflexos da realidade, tampouco fazer da história um simples pano de fundo. Para Antonio Candido, a dimensão social da obra se exprime em dois sentidos: a influência do meio sobre a obra e dela sobre o meio e os indivíduos. Desse modo, a arte (CANDIDO, 2002:21-22):

(...) depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais.

Candido (2006:34) considera ainda, que para auxiliar na compreensão de uma obra, que se considerem tanto os “fatores externos” – condições sociais –, quanto o “fator individual” – autor/biografia e a estrutura interna do texto.

Da mesma maneira que os objetivos das viagens são distintos, as motivações dos viajantes ao escrever seus relatos também são diversas. A esse respeito, Luciana Rossato (2007:37) comenta:

Hans Staden escreveu para agradecer a Deus pela vida, enquanto Jean de Léry aproveita para discutir questões religiosas que agitavam seu país. Já os cientistas viajantes escreviam os relatos com o objetivo de difundir o conhecimento adquirido a partir da viagem realizada, bem como valorizar seu trabalho em prol da ciência.

No propósito de examinar a estrutura interna do texto, busca-se entender a obra como uma produção da cultura, e (CEVASCO, 2001:182-183):

(...) se a cultura é uma produção central e organiza os significados e valores de uma determinada sociedade, ela atua nas diferentes esferas, e olhar, por exemplo, a política do ponto de vista da linguagem em que é veiculada é forma potente de se conhecer o que determinada formação articula ou oculta.

Desse modo, “as práticas específicas da cultura”, como as artes e a literatura, “concretizam ‘em forma’” a existência e as sociedades em que são produzidas (CEVASCO, 2001:181, 183). Autor e obra possuem, portanto, relação estreita com o seu contexto de produção. O que se tem em mente são as palavras de Raymond Williams (1979:189): “o que está em causa na forma é a ativação de relações específicas, entre os homens, e entre estes e as coisas”.

A sugestão aqui é a de que quanto mais se atenta para a estrutura interna do livro, mais evidente fica que “a forma compreende assim toda uma gama que vai do externo e superficial até o essencial e determinante” (WILLIAMS, 1979: 185). A organização dos capítulos, inclusive, pode apontar para as escolhas quanto à forma.

Outra questão relevante é investigar as condições de publicação que cercam o texto, seguindo as pistas sobre a sua materialidade: suporte, editora, tiragem, circulação. Que outros textos foram publicados pela mesma editora, ou na mesma coluna de jornal, revista etc., no período? Foi publicado em alguma coleção específica da editora? Há comentários de obras na sobrecapa e orelhas do livro, ilustrações? Recebeu outras edições? Traduções? Todos esses aspectos podem guardar relação com a forma e o conteúdo, com a mensagem que se quer transmitir.

A recepção da obra é um aspecto intrigante e difícil de investigar, porém encerra “os três momentos indissolivelmente ligados da produção, e se traduzem, no caso da

comunicação artística, como autor, obra, público” (CANDIDO, 2002: 22). Por fim, interroga-se sobre a repercussão do livro entre seus contemporâneos e posteriormente. Ela pode ser buscada de diferentes formas: na crítica literária (jornais, revistas e outro meios) e entre seus leitores (por meio da correspondência, por exemplo). Junqueira (2011:58-59) menciona o caso de Hermana Melville: baseado em sua experiência pregressa como marinheiro e como leitor de literatura de viagem, escreveu seu famoso livro *Typee* (1844). “O curioso é que *Typee* foi editado e lido primeiramente como relato de viagem e não como romance. Mais: hoje em dia, faz parte da estante infanto-juvenil não só nos Estados Unidos, mas em outros países”. Disso, depreende-se que há um público leitor projetado pelo narrador na estrutura literária e é possível que alcance esse leitor, contudo a literatura de viagem encontra diferentes públicos, em diferentes contextos e sua recepção/repercussão é, portanto, contingente.

Considerações finais

Embora muitas observações aqui feitas sejam muito próprias e restritas à nossa experiência de pesquisa, espera-se que sejam úteis ao debate daqueles que se dedicam à interpretação da literatura de viagem.

Situando o debate entre os críticos literários e os historiadores, buscou-se ampliar o horizonte do historiador: o relato de viagem é sim fonte documental e deve receber tratamento como tal, mas é também literatura de viagem e o historiador não deve descuidar de suas especificidades.

Referências bibliográficas

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Terra da liberdade**: impressões da América. Curitiba: Editora Guaíra Ltda, 1944.

CANDIDO, Antonio. II A literatura e a vida social. In:_____. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história da literatura. 8ª São Paulo. T. A. Queiroz editor, 2002.

_____. Introdução. In:_____. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006 [1957], p. 34.

CEVASCO, Maria Elisa. Questões de análise: o materialismo cultural na prática. In: _____. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

DA MATTA, Roberto. A antropologia no quadro das ciências. In: _____. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. 6ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FRANCO, Cláudia Pereira da Cruz. Intertextualidade e produção textual. In: **Revista dos Alunos dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras UFF**. Edição n.06/2011, p.43-63. Disponível em: http://www.revistaicarahy.uff.br/revista/html/numeros/6/dlingua/CLAUDIA_FRANCO.pdf. Acesso em: 19 abr. 2013.

FRANCO, Stella Maris Scatena. **Peregrinas de outrora: Viajantes Latino-Americanas no século XIX**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008.

JUNQUEIRA, Mary Anne (Org.); FRANCO, Stella Maris Scatena (Org.). **Cadernos de Seminários de Pesquisa** (vol.II). São Paulo: USP-FFLCH-Editora Humanitas, 2011. v. 1. 129 p.

LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia de viagem: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX**. Editora UFMG, 1996.

LEITE, Miriam Moreira (org.). **A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros**. São Paulo: HUCITEC; Editora Universidade de São Paulo; [Brasília]: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.

MOURA, Gerson. **O tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

RIBEIRO, Roberto Carlos. Literatura de viagem e historiografia literária brasileira. In: **Revista Letras & Letras**, Uberlândia 23 (1) p.145-159, jan./jun. 2007, p. 145. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=5&cad=rja&ved=0CE8QFjAE&url=http%3A%2F%2Fwww.letraseletras.ileel.ufu.br%2Finclude%2Fgetdoc.php%3Fid%3D602%26...&ei=UCNqUZipCeXn0wGB7oC4Dg&usg=AFQjCNEU9IaVtKbJyplxug3cMPtLNDenSQ&bvm=bv.45175338,d.dmQ>>. Acesso em: 14 abr 2013.

_____. Impressões de um viajante europeu na Ásia. In: **Ciência & Letras**. Porto Alegre, n. 48, p. 223-233, jul/dez. 2010. Disponível em: <<http://seer1.fapa.com.br/index.php/arquivos>>. Acesso em: 28 fev. 2015.

ROSSATO, Luciana. **A lupa e o diário**: história natural, viagens científicas e relatos sobre a Capitania de Santa Catarina (1763-1822). Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2007. 284p.

SCHEMES, Elisa Freitas. **Oswaldo Cabral na “Terra da liberdade”**: relato de uma viagem na vigência da política de boa vizinhança. 2013. 134 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2013.

VERNE, Júlio. **A volta ao mundo em 80 dias**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

WILLIAMS, Raymond. Formas. In: _____. **Marxismo e Literatura**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979.